

A MÁGICA FLOR AZUL: CANÇÕES, ROMANTISMO, NOSTALGIA E CONTINUIDADE NO GERMANISMO

Imgart Grützmann¹

Resumo

O termo germanismo designa uma ideologia, de caráter etnocêntrico e conservantista, centrada na construção e consolidação da identidade alemã –germanidade (Deutschtum/Volkstum). A partir da década de 1880, a imprensa em língua alemã no Rio Grande do Sul foi o local de difusão acerca dos objetivos e das imagens do germanismo. Este artigo procura analisar algumas categorias do germanismo acionadas para a construção e consolidação dos laços étnico-culturais com a Alemanha: canções, romantismo, nostalgia e continuidade.

Palavras-chave: germanismo, canções, germanidade

Abstract

The term Germanism is used to designate an ideology with an ethnocentric and conservationist tone that focused on the construction and consolidation of the German identity. From the 1880s onward, the German language press in Rio Grande do Sul was the place for discourse on the purpose and image of Germanism. This article seeks to analyze some categories of Germanism put on action to construction and the consolidation of the ethnic and cultural ties with Germany: songs, romanticism, nostalgia, and continuity

Key-Words: Germanism, songs, Germaness

Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, difunde-se com maior intensidade, no Rio Grande do Sul, especialmente por meio da imprensa em língua alemã², a idéia de que os imigrantes alemães e seus descendentes devem conservar a sua identidade, denominada de germanidade (Deutschtum e/ou Volkstum), e, assim, manter os laços étnico-culturais com a Alemanha, pois, nesta ótica, “passado, presente e futuro, atos e intentos, tudo desemboca no essencial. Nossos antepassados eram alemães. Nós queremos ser alemães e queremos deixar os nossos filhos serem alemães.”³ (Grimm^a, 1924:2) Esta idéia origina-se de um projeto de preservação da germanidade, concebido, em grande parte, por uma elite intelectual e cultural, formada preponderantemente de profissionais liberais, comerciantes,

¹ Doutora em Letras pela PUCRS. Pós-doutorado em História pela UNISINOS.

² Neste trabalho não se analisa a imprensa em língua alemã de orientação católica.

³ „Vergangenheit, Gegenwart und Zukunft, Tat und Vorsatz fließen ins Eins. Unsere Väter waren deutsch. Wir wollen deutsch sein und wollen unsere Kinder deutsch sein lassen.“ A tradução desta fonte em língua alemã, bem como das demais utilizadas no corpo do trabalho, foi efetuada pela autora deste artigo.

industriais, editores, dirigentes de instituições e de associações, jornalistas, escritores e pastores da Igreja Evangélica (hoje, IECLB). Este grupo estava em maior ou menor proporção afinada com o germanismo, “uma ideologia de caráter etnocêntrico” (Seyferth, 1989:126) e conservantista (Fritzsche, 1995), em grande parte, tributária das premissas e das imagens ideologia étnica alemã (*völkische Ideologie*)⁴, difundida na Alemanha com maior intensidade a partir do final do século XIX, cujos pressupostos, por sua vez, originam-se principalmente do pensamento romântico-nacionalista alemão e, posteriormente, das teorias raciais. Os defensores do germanismo e de seu projeto de manutenção da germanidade são caracterizados por Arno Philipp (1924:5) como “uma minoria de pensadores de interesses gerais, homens de disposição idealista, que, até certo ponto, influenciam e arrastam consigo as massas indolentes, mas também nisso encontram os mais escandalosos empecilhos.”⁵ Os mentores do germanismo viam-se como portadores de cultura, encarregados da nobre missão de formar os imigrantes e seus descendentes, procurando padronizar seus integrantes a partir de um modelo único e imutável de identidade – a germanidade, isto é, que “assim ressoe de geração em geração/ e ecoe em mil anos: queremos permanecer o que somos/e permanecer o que fomos!”⁶ (Cullmann, 1935: 43.) A veiculação do germanismo, no Rio Grande do Sul, constitui um trabalho intencional e estratégico que pretende assegurar a sobrevivência de interesses econômicos, de prestígio social e de poder de comando, especialmente no campo cultural e religioso, bem como manter projetos de vida pessoal em que o pensamento professado e a atividade desempenhada encontram-se entrelaçados, posições estas colocadas em xeque por uma série de questões que, desde o final do século XIX, estiveram na ordem do dia. No presente trabalho, pretende-se analisar algumas categorias do germanismo que foram recorrentes neste ideário, especialmente a partir da década de 1920, acionadas em almanaques, jornais e livros

⁴ As relações entre germanismo e *völkische Ideologie* foram explicitadas por PAIVA, César. **Die deutschsprachigen Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik.** (Doutorado em Filosofia), Universidade de Hamburg, 1984; GRÜTZMANN, Ingart. **A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul.** (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, PUCRS, 1999; GRÜTZMANN, Ingart. „ **Do que herdaste dos teus antepassados, debes apropriar-te, a fim de possuí-lo“: o germanismo e suas especificidades.** Relatório de pesquisa recém-doutor apresentado à FAPERGS, Porto Alegre, 2001.

⁵ „ eine Minderheit gemeinnützigler Denker, idealistischer veranlagter Männer, welche die trägen Massen bis zu einem gewissen Grade beeinflussen und mitreißen, dabei aber auf die ärgsten Hindernisse stossen.“

⁶ „ Drum schall’s von Kind zu Kindeskind/Und tön’s in tausend Jahren:/ wir wollen bleiben, was wir sind,/und bleiben was wir waren.“

com o intuito de (re)construir os laços de pertencimento à Alemanha e afirmar a germanidade.

De berços e lembranças

O programa de ação proposto e mobilizado pelo germanismo para a restauração e conservação da germanidade, no qual a canção em língua alemã (deutsches Lied) e/ou canção popular (deutsches Volkslied) desempenhou um papel didático-pedagógico central, evidencia no seu bojo a presença de uma estrutura básica: a progressão pela regressão, ou seja, a especificidade étnico-cultural dos imigrantes e de seus descendentes e a sua contribuição para o progresso do Brasil apenas seriam possíveis por meio do constante regresso simbólico à *Heimat* (terra natal, lar) alemã, portanto, a um espaço localizado no passado e na memória, e aos valores e ao modo de ser dos antepassados que dela procediam, como ilustra o apelo que se segue, tendo por intertexto uma citação da obra *Wilhelm Tell*, de Schiller:

‘aqui estão as potentes raízes de tua força!’. A *Heimat* de origem (Stammesheimat) permanece a inesgotável fonte-matriz da qual nós retiramos a força para a sobrevivência exitosa em nossa pátria (Vaterland). Necessitamos de sangue espiritual e de sangue vivo! Apenas deste modo seremos e permaneceremos fortes e poderemos nos engajar completamente na nossa pátria e contribuir com a nossa valorosa parte para o progresso e para a prosperidade do País.⁷ (G. A.) (Der Verlag, 1931:33)

O restabelecimento da germanidade, por meio do mergulho em um espaço sócio-cultural de segunda mão – a Alemanha -, lembrado, em grande parte, pela representação literária contida nas canções, e situado, portanto, acima de qualquer concretude geográfica, mas ao qual se atribui a função de fornecer as diretrizes de

⁷ „Hier sind die starken Wurzeln deiner Kraft! Die Stammesheimat bleibt der unversiegbare Mutterborn, aus dem wir die Kraft zum erfolgreichen Lebenskampfe in unserem Vaterland schöpfen. Geistiges und lebendiges Blut brauchen wir! Nur so sind und bleiben wir stark und können wir uns ganz für unser Vaterland einsetzen und unser wertvolles Teil zum Fortschritt und Aufstieg des Landes beitragen.“ (G. A.)

conduta e as forças operacionais, tem, assim, por objetivo afirmar e determinar categorias que os defensores do germanismo consideravam identificadores e diferenciadores dos imigrantes e de seus descendentes, visando construir, deste modo, um grupo diferenciado dos demais. No germanismo, a manutenção do vínculo com a *Heimat* alemã é postulado como um dever a cumprir: “Nunca te envergonhes da amada *Heimat*/Onde tua mãe te deu à luz/que foi o verde e grande berço/ de tua venturosa infância.// Pensa orgulhosamente em seus carvalhos,/em seus vinhedos/ e guarda fielmente no coração/a felicidade nela usufruída.”⁸ (Deutsche Sprache..., 1925:44) Da mesma forma, seus defensores postulam o regresso constante ao passado em busca das categorias definidoras dos alemães, notadamente as virtudes e a pureza racial, celebradas principalmente na obra *Germânia*, de Tácito, retorno esse que se concretiza na denominação atribuída aos alemães e a seus descendentes: “quem for de estirpe alemã, escutai essas palavras:/lembrai-vos de que sois germanos!/ Recordai-vos sempre em mundo estrangeiro do vosso sangue.”⁹ (Niemeyer, 1938:46) Por meio deste olhar retrospectivo, voltado para e fixado no eterno ontem, os defensores do germanismo pretendem estabelecer uma linha de continuidade entre os germanos e os alemães da atualidade e, deste modo, (re)atualizar um conjunto de atributos considerados identificadores e delimitadores dos alemães.

Graças à preservação de sua identidade étnico-cultural, na ótica do germanismo, os imigrantes e seus descendentes poderiam contribuir para o progresso do Brasil, contribuição essa embasada em um conceito de cidadania concebido a partir de um critério étnico - a germanidade -, a qual, mantida por meio da língua, das canções, das virtudes, da história e do sangue, é vista como garantia para um bom desempenho na vida pública, ou seja, “quanto mais nós nos conscientizarmos da nossa solidariedade como alemães e quanto mais nos empenharmos em honrar a gloriosa história de nossa estirpe alemã, tanto mais nós elevaremos, através do trabalho-colaborador, o Estado, do qual ser cidadão nos alegra tanto.”¹⁰ (Rotermund, 1922:233) Esta característica do germanismo toma a feição do deus *Janus*, cujo

⁸ „Schäm’ dich nie der teuren Heimat/ Wo die Mutter dich gebar./Die die grüne, grosse Wiege/Deiner sel’gen Kindheit war./Denk mit Stolz an ihre Eichen./Ihre Reben stets zurück./Und bewahre treu im Herzen/Das in ihr genoss’ne Glück.“

⁹ „ Wer deutsches Stammes, hör dies Wort:/Gedenkt, ihr seid Germanen!/ Lasst immer euch in fremder Welt/An euer Blut gemahnen.“

¹⁰ „ Je mehr wir uns unserer Zusammengehörigkeit als Deutsche bewusst werden, und je mehr wir uns bestreben, der ruhmreichen Geschichte des deutschen Stammes Ehre zu machen, desto mehr werden wir durch unsere Mitarbeit den Staat heben, dessen Bürger wir zu sein uns freuen.“

semblante exibe um olhar direcionado ao passado e outro ao futuro, agregando em uma única face o arcaico, ancorado nas raízes étnicas, e o moderno, simbolizado pelo civismo e pelo trabalho também de base étnica, na medida em que a lealdade e a diligência são consideradas, neste ideário, atributos morais dos alemães. São estruturas de agregação e de exclusão, pois, ao mesmo tempo em que diferenciam externamente os componentes do grupo, pretendem irmanar e firmar internamente os seus vínculos. O retorno às origens efetuado pelo germanismo evidencia um trabalho consciente e intencional de construção e de afirmação da germanidade, de uma identidade especular e de “primeiro grau ou aquela que se constrói como unidade discreta e circunscribe a realidade a um único quadro de referências” (G. A) (Bernd, 1992:14) que nega o outro, o novo, postulando a eterna repetição do mesmo a partir da idéia de que “nos teus antepassados, tu reconhecerás a tua idêntica imagem; eles vivem em ti.”¹¹ (Götz-Böhringen, 1935:51) A intenção de criar uma identidade una e monolítica também está presente na categoria étnica estabelecida pelo germanismo para os imigrantes e de seus descendentes, denominados de alemães-brasileiros e/ou teuto-brasileiros. Nesta denominação, a essência alemã precede a existência brasileira, sendo essa sempre circunstancial e contingente, já que a permanência do substrato alemão é determinante e responsável pela identidade, pela vida e ainda pela procedência das forças do ser humano para o perfeito exercício da cidadania, pois “quem esquecer a essência de seu povo/logo desaparecerá;/ a árvore sem raízes/Não permanecerá de pé na tempestade !”¹² (Cullmann, 1935:42) A manutenção da germanidade e o exercício da cidadania, normas de comportamento implícitas na denominação alemã-brasileira, são executados a partir de uma base comum: a virtude da fidelidade, considerada no germanismo a marca registrada dos alemães. Na ótica de Friedrichs (1928:24)

Configurar-se-ia como algo realmente inconciliável o que a pátria Brasil e o que o herdado *Volkstum* exigem dos descendentes de alemães aqui nascidos? Não são as mesmas virtudes humanas e étnicas? Amor e fidelidade que poderiam ser ofertadas reciprocamente e inteiramente tanto à pátria brasileira quanto ao *Volkstum*

¹¹ „In deinen Vätern erkennst du dein Ebenbild; sie leben in dir.“

¹² „Wer seines Volkes Art vergisst,/wird bald zugrunde gehen;/Der Baum, der ohne Wurzeln ist,/wird nicht im Sturm bestehen !“

alemão? ¹³

Na construção desta identidade especular, cabe à canção em língua alemã a tarefa de restaurar e conservar a germanidade. A eleição dessa forma literária, em detrimento de outras modalidades, apóia-se na tese dominante no germanismo de que na canção espelha-se a germanidade com todas as suas nuances e características definidoras, isto é, “e as nossas canções, as nossas queridas canções populares, este ouro sonante de nosso *Volkstum*, da nossa língua materna.”¹⁴ (Friedrichs, 1927:45) De acordo com esta concepção, oriunda do pensamento romântico-nacionalista alemão, a canção passa a ser um espelho de dupla face: do e para o povo. Na sua condição de imagem do povo alemão, o texto poético traz em si a germanidade que se reduplica pelo fato de estar escrito em língua alemã. Segundo o pensamento vigente, o idioma materno, do mesmo modo que a canção, espelha as características da índole alemã, constituindo o documento da germanidade. ¹⁵ Por isso,

O trabalho mais importante de nosso *Volkstum* é a conservação de nossa língua. Com o declínio da nossa língua, que é a condição prévia para a conservação de nossos herdados bens culturais, principia o desaparecimento do grupo étnico alemão. Mediante a manutenção de nossa língua, nos é dada a chave para os outros valores de nosso *Volkstum*.¹⁶ (Kopittke, 1936:6)

Como espelho para o povo, a canção serviria de meio didático-pedagógico no

¹³ „ Und ist es denn etwas ganz und gar Unvereinbares, was das Vaterland Brasilien und was das angestammte Volkstum von den hier geborenen Deutschstämmigen verlangen dürfen? – Sind es nicht die gleichen menschlichen und völkischen Tugend? Liebe und Treue, die gegenseitig ungeschmälert sowohl dem brasilianischen Vaterland, wie auch den deutschen Volkstum dargebracht werden können?“

¹⁴ „Und unsere Lieder, unsere lieben deutschen Volkslieder, dieses lautere Gold unseres Volkstums, unserer Muttersprache!“

¹⁵ Uma abordagem sobre os pressupostos norteadores da utilização da canção em língua alemã no germanismo encontra-se em GRÜTZMANN, Ingart. Canções alemãs tecendo os fios da germanidade no Rio Grande do Sul. In: DREHER, Martin; TRAMONTINI, Marcos J. (t) (Org.) **Leituras e interpretações da imigração alemã na América Latina**. São Leopoldo: Oikos, 2007. p. 805-814. CR-Rom.

¹⁶ „ Die wichtigste Arbeit unseres Volkstums ist die Erhaltung der deutsche Sprache. Mit dem Verfall unserer Sprache, die die Voraussetzung der Erhaltung unserer ererbten Kulturgüter ist, beginnt der Untergang der deutschen Volksgruppe. Durch die Erhaltung unserer Sprache ist uns der Schlüssel für alle anderen Werte des Volkstums gegeben.“

qual os imigrantes e seus descendentes deveriam se mirar para permanecerem alemães em terras brasileiras, assumindo uma função sacralizante e unificadora que visa “à construção de uma identidade do tipo etnocêntrico, que circunscreve a realidade a um único quadro de referências.”(Bernd, 1992:18) Este propósito de unificação e congregação reduplica-se nas canções e nos textos programáticos do germanismo, ao nível do léxico, por motivos que remetem ao vínculo e à unidade, principalmente pela simbologia da ligadura, entre os quais constam os laços, os fios, as pontes, as correntes, os canais e os ramos. Rotermond, por exemplo, caracteriza a língua alemã como “um amplo canal através do qual toda a vida do nosso povo é constantemente e ricamente fertilizada (...) o dourado fio que enlaça compatriotas separados.”¹⁷ (Rotermond, 1922:III) Nesse sentido, a canção atua como uma força centrípeta posta em circulação para impedir o desaparecimento da germanidade em terras brasileiras, na qual também está presente um caráter coercitivo para o ser humano, pois impõe normas de conduta, pretendendo regular as relações sociais com o intuito de manter a especificidade do grupo, na qual os nós e os laços aludem ao domínio e ao poder dos que decidem e impõem as regras do jogo.

De flores azuis e outras ramagens

O conjunto dos atributos conferidos pelo germanismo à canção em língua alemã encontra a sua representação na imagem adotada para designar esta forma literária: a mágica flor azul. A idéia encontra-se presente no artigo *Vergiss das Beste nicht !* (Não te esqueças do melhor)(Boettner, 1925) Tendo em vista caracterizar a canção alemã e evidenciar o seu poder de atuação, seu autor retoma, a título de ilustração, a seguinte saga, coletada pelos irmãos Grimm e relida por Novalis em sua obra *Heinrich von Oepferdingen*: um jovem pastor de ovelhas, ao cuidar de seu rebanho junto ao *Kyffhäuser*¹⁸, encontra uma maravilhosa flor azul. Ao lança-la contra o rochedo, esse repentinamente abre-se, surgindo uma gruta na qual se encontra o imperador alemão Barbarossa, cercado de recipientes repletos de ouro, prata e pedras preciosas. O monarca permite ao jovem levar o que desejar do imenso tesouro contido

¹⁷ „Den weiten Kanal, durch welchen unser ganzes Volksleben stetig und reichlich befruchtet wird (...) der goldenen Faden, welcher getrennte Stammesgenossen umschlingt.“

¹⁸ Região montanhosa do Harz, Alemanha, onde, segundo a lenda, estaria „dormindo“ o imperador Barbarossa.

na gruta, advertindo-o, contudo, para que não esqueça o melhor. Em resposta à advertência do soberano, o pastor de ovelhas retorna ao tesouro e apossa-se de um punhado de pérolas, esquecendo, porém, a flor no interior da gruta. Ao sair, a rocha fecha-se atrás de si, impedindo-o de retornar porque tinha perdido a senha para a sua entrada: a flor azul. A matéria, retomando a idéia contida na saga, salienta que a flor azul é uma espécie de senha para se adentrar a alma do ser humano e, por extensão, um poder de abri-la. A idéia de que a canção alemã, à semelhança da flor azul, possui a capacidade de despertar o coração do ser humano, remete à teoria da poesia romântica defendida por Novalis, em seu mencionado romance, para quem o poeta

Sabe em nós animar à vontade forças misteriosas e dá-nos a perceber por meio de palavras um esplêndido mundo desconhecido. Como de profundas grutas sobem em nós épocas passadas e futuras, inúmeras pessoas, localidades *maravilhosas* e os mais extraordinários acontecimentos que nos arrancam do conhecido presente. Ouvem-se palavras estranhas, mas sabe-se seu significado. Uma violência mágica exercita os ditos do poeta; também as palavras comuns aparecem em sons encantadores e embriagam os firmes ouvintes.¹⁹(G. A.)
(Novalis, 1997:33)

A possibilidade de a canção servir de instrumento de visualização para os conteúdos, evocados e refletidos em sua superfície, presentifica-se no seu nome *Wunderblume*(flor mágica) e no epíteto atribuído à flor: *wundersame* (maravilhosa) (Boettner, 1925:19) A denominação alemã *Wunder* remete a *mirabilis*, a milagre, a mirar e a maravilhoso, portanto, a termos associados ao ato de ver, à presentificação de uma imagem e de um acontecimento extraordinários, dignos de serem vistos pela sua característica de assombro e de ensinamento, pois trazem em si o caráter de uma irrupção do sagrado no mundo profano. A relação entre canção e espelho também se

¹⁹ „ Er weiss jene geheimen Kräfte in uns nach Belieben zu erregen, und giebt uns durch Worte eine unbekante herrliche Welt zu vernehmen. Wie aus tiefen Höhlen steigen alte und künftige Zeiten, unzählige Menschen, *wunderbare* Gegenden, und die seltsamsten Begebenheiten in uns herauf, und entreissen uns der bekannten Gegenwart. Man hört fremde Wort und weiss doch, was sie bedeuten sollen. Eine magische Gewalt üben die Sprüche des Dichters aus; auch die gewöhnlichen Worte kommen in reizenden Klängen vor, und berauschen die festgebannten Zuhörer.“ (G. A.)

estabelece a partir do tipo de imagem refletida pelo texto poético, denominado de *Zauberbild* (imagem encantadora). A designação *Zauber* remete a encanto e magia, procedimentos que enfeitiçam e prendem quem entra em contato com eles, sendo, portanto, elementos de ligação. A designação também permite a associação entre espelho e magia, tornando-se a canção uma espécie de espelho mágico cuja função “serve então para suscitar aparecimentos, devolvendo as imagens que aceitava no passado, ou para anular distâncias, refletindo o que um dia esteve diante dele e agora se encontra bem longe.” (Cirlot, 1984:239) Nesse sentido, a simples pronúncia da fórmula de encantamento, no caso a canção -“uma flor mágica, originária do profundo e frutífero solo da índole alemã”²⁰ (Boettner, 1925:19-20), invoca e restaura, num passe de mágica, na superfície da lâmina, a germanidade intacta como nos primórdios. A busca desses elementos do passado e da sua presentificação encontram-se também expressas na coloração celeste da flor. O azul simboliza a cor do pensamento e integra o rol das tonalidades frias e retrocedentes, portanto, associado a algo que reside num tempo de outrora, passível de ser alcançado pelo processo de rememoração. (Cirlot, 1984:173) A *Blaue Blume* representa, desde a sua consagração pelo Romantismo alemão, especialmente a partir da obra de Novalis, *Heinrich von Oepferdingen*, o ponto central de uma visão intuitiva do mundo, tornando-se o símbolo da busca do inefável e do absoluto, da nostalgia romântica por excelência. (Daemmrich, 1995:76) A flor azul também constitui um elo de ligação e de fidelidade. A exposição ao seu poder abre as portas do coração e prende o ser humano pela sua magia, seduzindo-o para sempre. No romance de Novalis, a flor azul é uma espécie de ópio que seduz e aprisiona Heinrich, tomando de tal maneira os seus sentimentos e a sua vontade, de modo que ele não se interessa por mais nada no mundo:

Não são os tesouros que em mim despertaram um desejo tão indizível (...) É de pouco interesse para mim toda a cobiça: mas a flor azul anseio ver. Ela permanece incessantemente na minha mente e não posso compor e nem pensar em outra coisa (...) Sinto-me muitas vezes encantadoramente bem; e apenas quando não tenho bem presente a flor azul, sou tomado por um profundo e

²⁰ „eine Wunderblume, gewachsen auf dem tiefen, fruchtbaren Boden des deutschen Gemütes.“

íntimo movimento.²¹ (Novalis, 1997:11-12)

A ressignificação da maravilhosa flor azul para a ativação e a conservação da germanidade evidencia a conotação nostálgica do germanismo e explicita seu caráter conservantista, pois o tom celeste é a cor da devoção. A canção, ao prender os imigrantes e seus descendentes da mesma maneira que a flor azul seduz Heinrich, aponta para a continuidade dessa relação. Ele, ao acercar-se da flor, desencadeia um processo de constante procura que jamais termina, já que a cada tentativa de aproximação ocorre uma movimentação e uma transformação da flor azul. Nesse sentido, “nostalgia e conservação não se encontram apenas na imensidão azulada de seus sentimentos, mas também na virtude subjacente às duas categorias, pois ambas são formas de fidelidade, virtude máxima postulada pelo ideário germanista.” (Grützmann, 2004:89) Devoção, regressão e espelho ligam-se também pela simbologia da flor. O germanismo pretende forjar uma identidade monolítica cujas bases procedem de um centro irradiador único: a alma do povo alemão e/ou a germanidade. O vínculo com um núcleo comum e centralizado repete-se na configuração da flor: “por sua forma, a flor é a imagem do ‘centro’ e, por conseguinte, a imagem arquetípica da alma.” (G. A) (Cirlot, 1984:257) A flor azul remete ao desejo da consolidação de uma unidade etnocêntrica e também assinala a vontade de restaurar e perpetuar essa circularidade por meio da união de todos os imigrantes e de seus descendentes em uma comunidade imaginária denominada de povo e/ou *Volksgemeinschaft* (comunidade étnica), denominação essa que predomina a partir da década de 1920. Encanto, nostalgia, devoção, sedução e circularidade encontram-se tematizados no poema *Die Blaue Blume* (A flor azul), no qual, ainda, a visão romântica de mundo e a preservação da germanidade se imbricam e se complementam:

De uma maravilhosa flor falam as nossas sagas/que seduz o pobre coração humano
(...)/ Enquanto em nosso meio/ A palavra alemã valer como verdade, /A querida
melodia da língua materna/Dos lábios de nossos filhos brotar; /(....)Enquanto com

²¹ „Nicht die Schätze sind es, die ein so unaussprechliches Verlangen in mir geweckt haben, (...) fern ab liegt mir alle Habsucht: aber die blaue Blume sehn’ ich mich zu erblicken. Sie liegt mir unaufhörlich im Sinne, und ich kann nichts anders dichten und denken. (...) Es ist mir oft so entzückend wohl, und nur dann, wenn ich die Blume nicht recht gegenwärtig habe, befällt mich so tiefes, inniges Treiben.“

seus sons/ A canção alemã nos puder alegrar/E nosso desejo pelo mais formoso/Extasiado ao céu se elevar:/ Também em zonas distantes,/ Mesmo que oculte nosso olhar, / Reinará brilhantemente em nosso meio/A encantadora imagem da flor maravilhosa!²²(G. A) (Heinke, 1906:249-50)

O caráter restaurador e unificador, presente na simbologia da flor azul, encontra seu paralelo na menção ao imperador Friedrich I, também chamado de Barbarossa, que morreu em 1190, em Anatólia, durante a Terceira Cruzada. “Dormindo” na montanha, no *Kyffhäuser*, Barbarossa torna-se, para o nacionalismo alemão, o símbolo do esplendor da Alemanha no passado medieval, unificada e poderosa, conforme salienta Flacke (1998). Na sua condição de salvador, Barbarossa é equiparado, neste ideário, a Cristo, quem ressuscitou no túmulo de pedra. Ao despertar e retornar dos tempos primevos, Barbarossa, portador das intactas características alemãs, renovaria a glória da Alemanha de outrora e promoveria a união de todos os alemães, instaurando, desse modo, um imenso reino, idéia essa também endossada pelo germanismo.

De cordões umbilicais e outros laços de continuidade

A imagem da imersão e da presentificação denotada pela imagem da flor azul, vinculada à busca do centro e à simbologia da ligadura, evidencia-se no germanismo por meio de outro mecanismo amplamente acionado: a intertextualidade. De acordo com os parâmetros definidos por Jenny (1979:14), pode-se falar de prática intertextual “tão só desde que se possa encontrar num texto elementos anteriormente estruturados, para além do lexema naturalmente, mas seja qual for o seu nível de estruturação.” A intertextualidade aparece nos textos programáticos do germanismo e nas páginas de publicações vinculadas a este ideário principalmente como citação literal, geralmente em forma de aforismos, ditados e/ou pequenos excertos de obras ensaísticas e literárias, e como paráfrase. Em sua maioria, os intertextos, seja na forma de citação seja na de paráfrase, procedem do filósofo e teólogo Johann Gottfried Herder, cujas

²² „ Von einer Wunderblume sprechen unsere Sagen/Dass sie das arme Menschenherz betört (...)/Solange noch in unserem Kreise/ das deutsche Wort als Wahrheit gilt./Der Muttersprache traute Weise/Von unser Kinder Lippen quilt,/ (...) Solang uns noch mit seinen Tönen/Erfreuen kann das deutsche Lied/Und uns der Wunsch nach allem Schönen/Begeisternd auf zum Himmel zieht:/ Solang wird auch in fernsten Zonen,/Wenn unsern Blicken auch verhüllt,/In uns're Mitte prangend thronen/Der Wunderblume Zauberbild!“

concepções acerca de povo, poesia popular, nação cultural e caráter nacional fundamentaram e impulsionaram o nacionalismo na Europa, e de autores do pensamento romântico-nacionalista alemão, tributários das noções herderianas, entre eles Ernst Moritz Arndt, Friedrich Ludwig Jahn e Johann Gottlieb Fichte, notadamente as noções referentes à germanidade e idioma por eles elaboradas, evidenciando, desse modo, uma das matrizes ideológicas do germanismo. Um outro conjunto de intertextos procede de autores integrantes do Romantismo, entre eles Friedrich Schiller, Johann Wolfgang Goethe, Novalis e os irmãos Grimm, que demonstra a ligação do germanismo com este movimento e sua visão de mundo.

A citação e a paráfrase constituem-se, assim, em elementos que também buscam prender o leitor ao contexto de sua cultura de origem, na medida em que a intertextualidade é um elo de ligação com a memória cultural. Um texto, ao trazer um intertexto dentro de si, (re)atualiza no ato de recepção o passado que lhe deu origem, contribuindo para a formação de uma corrente ligada a uma arqueologia de textos, responsável pela instauração de uma continuidade, já que “basta uma alusão para introduzir no texto centralizador um sentido, uma representação, uma história, um conjunto ideológico, sem ser preciso falá-los. O texto de origem está lá, virtualmente presente, portador de todo o sentido, sem que seja necessário enunciá-lo.” (Jenny, 1979:22) Neste sentido, não apenas o conteúdo, mas a própria linguagem do germanismo torna-se espelho para a inculcação de imagens, valores e normas, visando, desse modo, garantir a permanência de uma concepção de mundo centrada na (re)atualização de um paradigma romântico-nacionalista de construção e afirmação da germanidade. Esta questão fica mais evidente no uso da paráfrase, a qual “mais do que um efeito retórico e estilístico é um efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fé ou procedimento estético.” (Sant’Anna, 1985:22). Este propósito de prender e dar continuidade à matriz também se verifica nas canções publicadas em cancionários, almanaques, brochuras comemorativas e livros didáticos em língua alemã, as quais, em sua maioria, procedem do século XIX, estando de uma ou de outra forma vinculadas ao pensamento-romântico nacionalista alemão ou por ele incorporados, entre eles os textos poéticos de Ernst Moritz Arndt, Hoffmann von Fallersleben, Max von Schenkendorf e Heinrich Heine.

O emprego da intertextualidade pelo germanismo também se dá como atitude de reverência e de sacralização. Na sua condição de elo de ligação, o recurso intertextual redobra a virtude máxima postulada pelo germanismo - a fidelidade - e

traz ainda consigo uma conotação sagrada. Este propósito de prender os imigrantes e seus descendentes à cultura de origem e de preservar a sua germanidade está sintetizado no aforismo: “Do que tu herdaste dos teus antepassados, debes te apropriar, a fim de desfrutá-lo” (Was du ererbt von deinen Vätern hast, erwirb es, um es zu besitzen), oriunda do drama *Fausto I*, de Goethe, o qual sintetiza o projeto de manutenção da germanidade encetado pelo germanismo. Este aforismo, reiteradas vezes divulgado em diferentes suportes e épocas, especialmente como citação, impõe ao leitor um mandamento a ser cumprido: honrar e dar continuidade à herança dos antepassados e, por meio de sua perpetuação, gozar as benesses advindas de sua posse. A força de persuasão e de coerção inerente a este aforismo procede do intertexto a ele subjacente – o quarto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá”, inserindo, deste modo, a preservação da germanidade na esfera do sagrado. O quarto mandamento não está apenas presente ao nível do conteúdo, no aforismo de Goethe, mas também está implícito na adoção de sua citação como autoridade, visto que poeta e pensador alemão era considerado o clássico, o cânone, portanto, instância suprema de identificação e de legitimação da cultura alemã. (Glaser, 1964) A posição de mentor atribuída a Goethe também se externa na releitura que a personagem de Fausto recebeu no nacionalismo alemão, sendo, a partir de 1870, “idealizado, assumindo pouco a pouco a figura de um herói nacional, de encarnação típica da alma alemã”. (Dabiez, 1997:337) Da mesma forma, a recorrência a citações e a paráfrases, bem como a autores, são formas de sacralização e de reverência para com a autoridade: os pais aí escondidos. Significativa desta prática é a retomada, pelo germanismo, da *Germânia* de Tácito, cujo autor foi considerado pela ideologia étnica como pai da identidade alemã.²³ Além de traçar uma linha de continuidade entre os germanos e os alemães, os defensores do germanismo também se valem da obra de Tácito em forma de intertexto, especialmente a passagem em que o autor romano destaca a pureza racial das tribos germânicas e a indissolubilidade do matrimônio, para reforçar categorias identitárias, como evidencia o texto de Rotermund²⁴ sobre a origem do povo alemão:

²³ Cf. POLIAKOV, Léon. **O mito ariano**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1974.

²⁴ A parte retomada e citada por Rotermund encontra-se em TACITUS. **Germania**. Bericht über Germanien. München: Dtv, 1991. p.17; 35.

Eu me declaro partidário da opinião de que as tribos germânicas não estão manchadas por *Volkstum* estrangeiro, por meio de casamentos mistos, mas que elas formam uma raça inteiramente pura e singular, por isso, também a sua fisionomia mantém-se igual em todo lugar, apesar da grande quantidade de pessoas: orgulhosos olhos azuis, cabelo louro e grande altura; o casamento é lá considerado sagrado. A dissolução do matrimônio é muito rara. Bons costumes, lá, valem mais do que, em outros lugares, as leis.²⁵ (Rotermund, 1922:237)

A reverência aos pais ainda se externa de outras formas no germanismo. O quarto mandamento metaforiza-se na dupla fidelidade proposta pelo germanismo: honrar a pátria brasileira e ser fiel à *Heimat* alemã. No idioma alemão, pátria é *Vaterland*, terra do pai; embora seja gramaticalmente neutro, é semanticamente masculino. A *Heimat* é feminino. Ambos significam honrar pai e mãe, sendo, portanto, o respeito ao Brasil por meio do cumprimento dos deveres de cidadão e a lealdade à Alemanha por meio da manutenção da germanidade, a obediência a um desígnio sagrado. O cumprimento dessa disposição, na ótica do germanismo, garante bem-estar, traz em si uma promessa de felicidade terrena, de unidade, de harmonia, de ligação com o divino, de aceitação social e de continuidade, pois asseguraria o contato com as origens, o grupo social e as gerações vindouras, garantindo a permanência da germanidade. A quebra da aliança e de todas as formas a ela relacionadas, entre elas a corrente e círculo, que também aprisionam e moldam, representaria a danação na terra e no céu. Esta idéia de que o povo alemão, bem como sua identidade coletiva – a germanidade –, constitui um organismo vivo, similar à família, passível de se perpetuar através dos tempos a partir de uma matriz comum e no qual cada membro é o elo de uma longa cadeia que assegura a permanência desse sujeito coletivo, externa-se no germanismo por meio da imagem da corrente como assinala a seguinte interpelação:

Tu és um elo de uma longa corrente que resiste e permanece forte e sólida enquanto tu, como qualquer outro membro de uma família, és saudável corporalmente e espiritualmente e permaneceres produtivo. Ai de ti, se devido a tua inferioridade,

²⁵ „Ich bekenne mich zu der Ansicht, dass die germanischen Stämme durch keinerlei Mischehen mit fremden Volkstum befleckt sind, sondern eine durchaus reine, eigenartige Rasse für sich bilden, daher ist auch ihre äussere Erscheinung trotz der grossen Menschenmenge, überall dieselbe: stolze blaue Augen, blondes Haar und hoher Wuchs. Die Ehe wird dort sehr heilig gehalten. Ehebruch kommt sehr selten vor. Gute Sitte gilt dort mehr als anderswo Gesetze.“

romperes a cadeia, se tu não fores ativo e prestativo em relação a tua família e a teus compatriotas (Volksgenossen). De ti depende o bem e o mal de tua família e de teu povo. Isso não vale somente para a velha *Heimat*, onde vive um povo amalgamado, mas também para a nossa nova *Heimat*.²⁶ (Götz-Böhringen, 1935:48-49)

A sacralização da manutenção da germanidade, mediante a adoção do aforismo de Goethe e do quarto mandamento, evidencia a vinculação entre religião e identidade étnica, caracterizador da ideologia étnica alemã (völkische Ideologie) e do germanismo, especialmente salientado em sua vertente evangélica a partir do conceito teológico de ordenação da criação (Schöpfungsordnung) que se externa nas seguintes palavras: “isto é teu bem mais sagrado:/ Fé, língua e sangue!/O que Deus te concedeu para a vida/Não deixes que te roubem/Sangue, língua e fé!”²⁷ (Cullmann, 1935:97). A matriz desse paradigma coletivo e cultural de rememoração e de manutenção do legado dos antepassados procede do Antigo Testamento, estando explicitado no Livro de Deuteronômio. Nesse livro, Moisés conta a história de Israel na planície do Jordão e apresenta ao povo judeu os fundamentos de obediência e de fidelidade ao Senhor, que devem reger a sua vida ao se estabelecerem na terra prometida. A fim de que os acontecimentos ocorridos, desde a saída do Egito e na peregrinação pelo deserto não se percam, ocorre no Livro de Deuteronômio um processo, segundo explicita Jan Assmann (1991), de transformação da memória biográfica em memória cultural, mediante o emprego de técnicas de memorização, entre elas, a conscientização, educação, publicação ou inscrição, festividade e a transmissão oral, ou seja, “a poesia como codificação da lembrança histórica.”²⁸ (Id.:340) O Livro finaliza com o Cântico de Moisés, no qual ocorre a sistematização das advertências concernentes às conseqüências funestas advindas da infidelidade e do esquecimento, e a importância do conhecimento e da reverência para com o legado dos antepassados que se sintetiza nas palavras finais do Cântico: “Lembra-te dos dias da Antigüidade,/atenta para os anos/de gerações em gerações;/ pergunta a teu pai, e ele te informará,/aos teus

²⁶ „Du bist ein Glied einer langen Kette, die so lange hält, so lange fest und stark bleibt, so lang du – wie jedes andere Familienglied – körperlich und sittlich gesund und leistungsfähig bist. Wehe dir, wenn durch deine Minderwertigkeit die Kette reisst, wenn du dich nicht dienend deiner Familie und deinen Volksgenossen gegenüber betätigst. Du bist’s, von dir hängt Wohl und Wehe deiner Familie und des Volkes ab. Das gilt drüben in der alten Heimat, wo ein festgefügt Volk lebt, aber ebenso auch in unserer neuen Heimat.“

²⁷ „Das ist dein heiligstes Gut:/Glaube, Sprache und Blut!/ Was Gott dir zum Leben/Gegeben,/Lass dir nicht rauben. Blut, Sprache und Glauben.“

²⁸ „Poesie als Kodifikation der Geschichtserinnerung.“

anciãos, e eles to dirão”, as quais também foram acionadas pelo germanismo na forma de intertexto. Este Cântico deveria, de acordo com Jan Assmann (Id.:341), permanecer vivo na tradição oral do povo judeu e, deste modo, constantemente lembrá-lo de suas ligações, atuando como mecanismo capaz de manter a sua identidade e cultura quando este entrasse em contato com as condições diferenciadas da nova terra. Ao lado da poesia como forma de preservação da memória cultural, Jan Assmann ainda destaca a canonização do texto das leis (Torah) porque este procedimento representa uma intervenção na tradição, pois traz como consequência a retirada de uma parte constitutiva que, além de ser isolada, é também sacralizada, ou seja, “intensifica-se na suprema instância de compromisso e paralisa para todo o sempre o fluxo da tradição. De agora em diante, nada deverá ser acrescentado, nada retirado. O pacto torna-se cânone.”²⁹ (Id. Ibid.)

Ao pautar seu programa de ação pela reverência à herança dos antepassados, o germanismo pretende instaurar, à semelhança do Livro de Deuteronômio, parâmetros que sustentem a identidade em meio a condições sociais e culturais favoráveis ao esquecimento das origens, tanto as advindas do contraste, quanto as originadas pela sedução. Por isso, torna-se necessário o estabelecimento de uma linha divisória entre os “nativos” e os imigrantes e seus descendentes, com o intuito de impedir a miscigenação, tanto dos costumes quanto da raça, e, conseqüentemente, a perda dos valores originários. Esta idéia encontra-se no poema de Julius Sturm – *Rat des Vaters an seinen Sohn* (Conselho de um pai a seu filho), reiteradas vezes publicado em diferentes suportes, no qual o pai aconselha o filho nos seguintes termos: “Tu emigras para o vasto mundo./Para caminhos a ti ainda estranhos (...)/E agora, um último aperto de mão/ e um último pedido: permanece fiel em terras estrangeiras/Aos costumes do teu povo!”³⁰. (Sturm, 1922:106) Para tanto, a canção em língua alemã, à semelhança do Cântico de Moisés, deveria proporcionar a rememoração das origens e do legado dos antepassados, à qual se somam o aforismo de Goethe e o quarto mandamento que, neste contexto, assumem também a função de cânone, remetendo, em última instância à aliança firmada com Deus no deserto por meio dos mandamentos. O estabelecimento da continuidade pela repetição do padrão dos

²⁹ „Zu letztinstanzlicher Hochverbindlichkeit steigert und der Traditionsstrom ein für allemal stillstellt. Von nun an darf nichts hinzugefügt, nichts weggenommen werden. Aus dem Vertrag wir der Kanon.“

³⁰ „Du wanderst in die Welt hinaus/auf dir noch fremden Wegen; (...) und nun, ein letzter Druck der Hand/Und eine letzte Bitte:/ halt dich getreu im fremden Land/ zu deines Volkes Sitte!“

antepassados traz em si um elemento de estranhamento, pois estabelece uma dicotomia entre o presente e o passado, ou seja, a herança dos antepassados é um elemento sacralizado que não se deve ligar aos padrões vigentes na nova sociedade. Contudo, é instituído, como nobre e reverente dever, mantê-lo intacto em circunstâncias culturais e sociais diversas do contexto de procedência. Cabe, deste modo, estender ao germanismo a observação de Jan Assmann (1991:346) sobre a meta estabelecida no Deuteronômio para consolidar a identidade do povo judeu na Terra Prometida: “isso quer dizer, permanecer estrangeiro na sua própria terra e no seu próprio presente. Adaptação seria esquecimento, representaria o retorno ao Egito. Apenas quem se lembra continuamente de seu passado está protegido da necessidade de repeti-lo.”³¹

O emprego da canção e da intertextualidade, complementado pelos símbolos da ligadura a elas associadas, aponta para uma outra estrutura contida no projeto de manutenção da germanidade encetado pelo germanismo: o mito político da unidade que, conforme salienta Girardet (1987:155-56), tem por base “a imagem da harmonia, de equilíbrio e de fusão: a de uma sociedade una, indivisível, homogênea, para sempre protegida das perturbações e das discórdias – bloco sem fissuras, concedendo por isso mesmo a todos aqueles que o compõem a apaziguadora certeza de uma total reconciliação consigo mesmos.” Ao buscar uma comunidade imaginária, denominada de povo e/ou comunidade étnica, formada de todos os imigrantes e de seus descendentes no mundo, o germanismo pretende anular as diferenças entre os seus integrantes, ligando-os pelos critérios étnicos e culturais, ou seja, “ser alemão significa pertencer a uma comunidade cultural que abarca o mundo”³². (A., 1935:32) Essa ênfase na unidade e na homogeneidade, que visa amalgamar todas as forças em torno de um único ideal e de uma identidade, é, por outro lado, reveladora de uma situação marcada pela descontinuidade e pela fratura. Para Girardet (1987:163-64)

Como quer que seja, em tudo o que mostra assim de constante, de insistente e de repetitivo, essa exaltação do tema da unidade tem, com toda evidência, valor de exorcismo. Trata-se de assegurar para sempre a vitória das forças centrífugas sobre os fatores contrários de rompimento ou de divergência; de prevenir e de rechaçar as ameaças sempre presentes de ruptura e de

³¹ „Das heisst, Fremdling bleiben im eigenen Land und in der eigenen Gegenwart. Anpassung wäre Vergessenheit, wäre Rückkehr nach Ägypten. Nur wer seine Vergangenheit unablässig erinnert, ist davor bewahrt, sie wiederholen zu müssen.“

³² „Deutsch sein, heisst einer Kulturgemeinschaft angehören, die die Welt umspannt.“

discórdia.

A existência de forças operantes no tecido social, causadora de transformações que proporcionem o desligamento das pegadas dos antepassados, está implícita nos demais recursos utilizados pelo germanismo. A intertextualidade emerge, conforme salienta Jenny (1979:49), em momentos de transformação, sendo índice de ruptura e mudança: “seja qual for o seu suporte ideológico confesso, o uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora. O que faz dela o instrumento de palavra privilegiada das épocas de desagregação e de renascimento culturais.” De modo semelhante, a recorrência à história e à memória coletiva são procedimentos considerados por Marx(1987:213), no 18 Brumário, como fatores de dominação e de reconstrução, sinalizando, portanto, momentos de transformação. Para Marx, a migração de textos e artefatos culturais de uma época para outra, ou de uma cultura para outro contexto, apresenta-se como uma estratégia para reafirmar o velho perante o surgimento do novo horizonte. Pretende-se fornecer, a partir da busca de elementos do arsenal histórico e de sua releitura, um dispositivo de segurança perante a implosão do antigo. Do mesmo modo, a temática privilegiada pelas canções, centrada majoritariamente na Alemanha, nas categorias de identificação dos alemães e na sua história, permeada por uma visão idealizada, harmônica e nostálgica, e o caráter nostálgico do programa de ação do germanismo, no qual predomina a imagem do paraíso e da Idade do Ouro, sugerem também a presença de um elemento desintegrador da ordem vigente. A emergência da Idade do Ouro é própria de épocas em que os vínculos são rompidos e os valores esquecidos, conforme afirma Giradet (1987:134):

Os sonhos da Idade de Ouro procedem, segundo toda verossimilhança, de uma forma relativamente próxima do mal-estar, de inquietação ou de angústia. É na fuga para fora do tempo presente, na recusa ou na negação de algumas das formas contemporâneas da vida social que eles projetam, por sua vez, o encadeamento singularmente complexo de imagens, de representações e de símbolos de que permanecem os inesgotáveis geradores.

A existência, na ótica do germanismo, de um processo de transformação da ordem vigente entre os imigrantes e seus descendentes encontra-se sintetizada na denominação da canção – flor azul – que, na sua condição de vegetal, traz em si uma

essência dupla. De um lado, sua natureza remete à fugacidade e ao desaparecimento, características acentuadas pela coloração azul, alusivas também a processos de desassimilação, passividade e debilitação. (Cirlot, 1984:173) De outro lado, a flor simboliza o contínuo renascimento das espécies, o desabrochar da vida. Assim, degeneração, regeneração e metamorfose são partes integrantes de um mesmo complexo vital e, por extensão, cultural.

De alianças trincadas e outras fraturas

A idéia defendida no germanismo de que existem forças transformadoras agindo no tecido social e cultural, de um inimigo que pretende destruir as bases da germanidade, externa-se no motivo do verme (Siganos, 1997:136): “pesadas sombras estendem-se sobre a nossa alma: o tronco adquiriu uma ferida mortal e no seu cerne trabalha um verme degenerador”³³ (Schiller, 1925:50), cuja simbologia remete à morte, à devoração e ao aniquilamento. A responsabilidade por esse estado de alteração, os defensores do germanismo atribuem aos imigrantes e seus descendentes, entre os quais acreditam que reside o foco de atuação negativa: “o perigo de desaparecer no caos étnico brasileiro ameaça principalmente de outro lado. Nós mesmos somos os que, devido a motivos diversos, minamos as raízes do orgulhoso e potente carvalho, do nosso *Volkstum*.”³⁴ (Fischer, 1924:3) Entre os fatores causadores das transformações em relação à germanidade entre os imigrantes e seus descendentes, Fischer (Id. Ibid.) salienta uma série, os quais, embora sintetizados no ano de 1924, são recorrentes no germanismo:

Muitas vezes são motivos essencialmente de cunho material, como a esperança de conseguir um melhor progresso na profissão ou uma colocação no serviço público; na maioria das vezes originam-se de falhas de caráter, uma certa comodidade, normalmente em casamentos mistos, ou do impulso de tolo (Narrentrieb), próprio dos alemães em achar tudo o que não é alemão mais bonito e melhor; às vezes também um temor, não justificado, de se declarar abertamente ao seu patrimônio de estirpe. Seja como for, o cerne do mal parece estar no seguinte: em primeiro lugar, a maioria dos que aqui

³³ „Schwere Schatten legen sich auf unsere Seele: Der Stamm hat eine Todeswunde empfangen, und in seinen Innern arbeitet zehrendes Gewürm.“

³⁴ „Die Gefahr, im brasilianischen Völkerchaos zu versinken, droht vielmehr in der Hauptsache von einer andere Seite. Wir selbst sind es, die aus mancherlei Gründen die Wurzeln des stolzen, starken Eichenbaumes , unseres Volkstums, uns abgraben.“

nasceram não sabem ou não sabem direito o que fazer com o conceito “*Volkstum* alemão” e, em segundo, não têm consciência do significado do *Deutschtum* e de sua conservação para si mesmos e para o Brasil.³⁵ (G. A.)

Outro fator constantemente mencionado no germanismo consiste nas transformações inerentes ao próprio desenrolar da vida dos grupos de origem alemã, situação essa que traz um perigo iminente para uma das principais categorias de identificação e diferenciação acionada no germanismo: o idioma alemão. Ilustra essa posição o seguinte registro de Heinrich Schüller (1912:1):

Muitas colônias, que são pouco povoadas, estão isoladas de qualquer comunicação; a imigração da antiga *Heimat* interrompeu-se há anos; os primeiros imigrantes falecem; as crianças perdem a lembrança da velha *Heimat*; a língua alemã tem para elas apenas sentido como meio de comunicação; esse objetivo ela desempenha de modo incompleto, na medida em que essas colônias estão cercadas por outras comunidades lingüísticas; assim, eles acolhem vocábulos portugueses e italianos, aos quais, não raramente, acrescentam uma terminação alemã; e muitas vezes surge um alemão, o qual se desejaria que não fosse pronunciado.³⁶

Também são apontados no germanismo como causas da “perda” da germanidade as conseqüências das mudanças estruturais internas nas localidades de imigração e colonização alemãs, motivadas, em grande parte, pelas modificações econômicas, políticas, sociais e culturais em vigor na sociedade brasileira a partir do final do século XIX, em grande parte resultantes da urbanização, diferenciação e industrialização:

³⁵ „Oft sind es Gründe rein materieller Art, wie die Hoffnung auf besseres Fortkommen im Beruf oder auf Anstellung im Staatsdienst, meist entspringt sie einer Charakterschwäche, aus einer gewissen Bequemlichkeit, namentlich bei gemischten Ehen, oder dem uns Deutschen leider so eigenen Narrentrieb, alles Undeutsche schöner und besser zu finden, zuweilen auch einer nicht zu rechtfertigenden Furcht, sich offen zu seinem Stammestum zu bekennen. Wie denn auch sei, der Kern des Uebels scheint mir im folgenden zu liegen: Erstens wissen die weitaus meisten der hier Geborenen mit dem Begriff ‚deutsches Volkstum‘ überhaupt nichts oder nicht Rechtes anzufangen, und zweitens sind sie sich der Bedeutung des *Deutschtums* und seiner Erhaltung für sich selbst und für Brasilien in keiner Weise bewusst.“ (G. A.)

³⁶ „Manche Kolonien, die wenig volkreich sind, liegen weit ab von allem Verkehr, der Zuzug aus der alten *Heimat* stockt seit Jahren, die zuerst Eingewanderten sterben, die Kinder verlieren die Erinnerung an die alte *Heimat*, die deutsche Sprache hat für sie nur noch Sinn als Verständigungsmittel, diesen Zweck erfüllt sie aber, da die Kolonien oft ringsum von anderen Sprachkolonien umgeben sind, nur unvollkommen; so nehmen sie portugiesische und italienische Wörter auf, denen sie nicht selten deutsche Endungen geben, und es entsteht manchmal ein Deutsch, von dem man wünschen möchte, es würde nicht gesprochen.“

Pois o isolamento de outrora das colônias alemãs em grande parte extinguiu-se; a ampliação da malha ferroviária e o trânsito intenso nas estradas das colônias para a cidade levaram a um contato mais estreito entre germanidade e brasilidade. A situação de que as escolas públicas e as escolas privadas brasileiras são freqüentadas em elevada proporção por crianças de descendência alemã contribui consideravelmente para a desgermanização da juventude. A germanidade nas cidades está, por si só, cercada de um forte fluxo de vida brasileira; a necessidade de se utilizar constantemente a língua portuguesa nas relações públicas e comerciais fortalece a tendência de lançar mão do cômodo português também como linguagem corrente; também isso eleva o perigo da desgermanização.³⁷ (Becker, 1924:15)

Essas circunstâncias, seguidamente referidas no germanismo, não levariam apenas no âmbito público ao desaparecimento da principal categoria de identificação e diferenciação acionada neste ideário - a língua alemã -, mas também no familiar, tornando-se a família apenas uma continuação da vida profissional, em lugar de permanecer um reduto de fomento dos valores da cultura de origem, ou seja, “não demorará que a parte mais jovem da família apenas fale o português. Em centenas de famílias pode-se ouvir que os pais se dirigem a seus filhos em alemão, os quais respondem em português. E os pais cedem e falam apenas o português.”³⁸ (Ldm, 1923:311) No germanismo, atribui-se à família um papel relevante na preservação da germanidade e da manutenção dos laços de pertencimento com o povo alemão, pois

Onde um grupo étnico alemão (Volkgruppe) vive, também existe uma vida familiar alemã. Esta vida em família é o mais importante sítio de cultivo do nosso *Volkstum*. A família educa pessoas de caráter sólido; a família educa por meio do *Volkstum* para o *Volkstum*; a família educa mediante a vida em comum para a comunidade. Assim, como a família educa no círculo

³⁷ „Denn die frühere Abgeschlossenheit der deutschen Kolonien ist grösstenteils dahin; der Ausbau des Eisenbahnnetzes und die lebhaftere Verkehr auf den Strassen von der Kolonie in Städte haben das Deutschtum in engere Berührung mit dem Brasilianertum gebracht. Der Umstand, dass die Regierungsschulen und brasilianischen Privatschulen in steigendem Masse von Kindern deutscher Herkunft besucht werden, trägt nicht wenig zur Entdeutschung der Jugend bei. Das Deutschtum in den Städten ist an sich schon von einem starken Strom brasilianischen Lebens umgeben; die Notwendigkeit, die Landessprache im geschäftlichen und amtlichen Verkehr ständig brauchen zu müssen, stärkt die Neigung, das bequeme Portugiesisch auch als Umgangssprache zu gebrauchen; auch das erhöht die Gefahr der Entdeutschung.“

³⁸ „Und es dauert nicht lange, so spricht der jüngere Teil der Familie nur noch portugiesisch. In hunderten von Familien kann man es hören, dass die Eltern wohl ihre Kinder deutsch anreden, die Kinder aber portugiesisch antworten. Und die Eltern geben nach und sprechen auch portugiesisch.“

familiar para a comunidade, assim também todas as famílias devem, aqui e para além das fronteiras estatais, em conjunto, educar para a comunidade étnica alemã (Volksgemeinschaft).³⁹ (Kopittke, 1937:11-12)

Ao lado desses fatores considerados de desestabilização, os defensores do germanismo apontam também, como causador da mudança de comportamento em relação à germanidade e à herança dos antepassados, a visão mercantilista de vida reinante entre os imigrantes e seus descendentes. Para Arno Philipp(1924:5)

é como se as águas-vivas do materialismo trivial e descampado, a avidez pelo simples e grosseiro prazer e pela aglomeração do dinheiro às custas de todas as melhores aspirações da alma, que na esteira da triste época do pós-guerra se abateu sobre a Europa, tivesse enviado a nós as ramificações de seu ímpeto de rebentação.⁴⁰

Estes elementos transformadores apontados por defensores do germanismo, dos quais se apresenta aqui apenas uma exposição esquemática, e aos quais ainda se soma o interesse da Alemanha pelos seus emigrados, o chamado Perigo Alemão e a política de nacionalização do governo Vargas, podem ser apontados como os fomentadores do projeto de preservação da germanidade de cunho nostálgico e restaurador presente neste ideário. Com o intuito de interferir em um contexto marcado pela mudança e pela descontinuidade, os defensores do germanismo, apresentam, como mecanismo de restauração, um programa de ação centrado na imagem de um mundo ordenado e coeso que se localiza no passado. Essa estratégia, segundo evidencia Girardet, é posta em circulação por grupos conservadores e detentores do poder em épocas marcadas pela fratura e perda dos valores considerados dominantes:

À realidade de uma história em movimento, marcada por rupturas e por bruscas mutações, vêem-se opostas a fixação na duração, a imagem de um tempo

³⁹ „Wo eine deutsche Volksgruppe lebt, gibt es auch ein deutsches Familienleben. Dieses Familienleben ist die wichtigste Pflegestätte unseres Volkstums. Die Familie erzieht charakterfester Menschen. Familie erzieht durch das Volkstum zum Volkstum; Familie erzieht durch gemeinsames Erleben zur Gemeinschaft. Wie die Familie im häuslichen Kreise zur Gemeinschaft erzieht, so sollen alle Familien gemeinsam im Lande und über die Landesgrenzen hinaus zur deutschen Volksgemeinschaft erziehen.“

⁴⁰ „Es ist, als ob die Sprungflut des verflachenden und verödenden Materialismus, der Gier nach blosser groben Genuss und nach Zusammenscharren von Geld auf kosten aller besseren und feineren Seelenregungen, die im Gefolge der traurigen Nachkriegszeit über Europa dahingestürzt ist, die Ausläufer ihrer Brandungswucht bis zu uns entsendet habe.“

linear e contínuo, a recusa da própria noção de modernidade. Ao rompimento das velhas disciplinas comunitárias, à consagração do princípio da autonomia das pessoas, à liberação das ambições individuais, a visão sempre presente de um grupo social homogêneo, fortemente ordenado sobre si mesmo, dominado pelos valores de convívio, de auxílio mútuo e de solidariedade. (Girardet, 1987:131)

Para assegurar este mundo ordenado, são convocadas as canções e a intertextualidade, em forma de citações, aforismos, mandamentos e paráfrases, categorias às quais se atribui a tarefa de restaurar e afirmar uma unidade e uma realidade, no plano poético e da linguagem, as quais, fora dessas esferas, encontram-se, na ótica do germanismo, fragmentadas. A partir de uma repetição exaustiva de um paradigma agregador, centrado no legado dos antepassados, pretende-se travar qualquer tipo de mudança, visando reconduzir os imigrantes e seus descendentes, por meio desses mecanismos de controle, ao modelo original. Neste sentido, pode-se aplicar ao germanismo as seguintes considerações de Flora Süssekind (1984:34-35) acerca da linguagem e da literatura:

Quando se apresentam hiatos, abismos, diferenças entre um “tal” e outro, exige-se da linguagem que funcione como um tabulador. Entre o primeiro e o segundo tal, não deve existir mais do que uma reduplicação. Da linguagem espera-se que restabeleça simetrias, que crie analogias, perfeitas, que desfaça rupturas e diferenças, que se apague e funcione como mera transparência (...) torna-se assim o texto mera denotação, transparência cujo significado se encontra noutra lugar. Em possíveis autoridades literárias, genealogias ou nacionalidades. Funciona a literatura, nesse sentido, como simples canal, objetivo, especular e fotográfico, para que num filho se projete aquele que lhe deu o nome, numa obra quem a escreveu, num texto a imagem do país de onde se origina. Como se, ao tirar de cena a linguagem, entre um **tal** e outro não houvesse repentinamente mais qualquer abismo. Como se o literário fosse uma espécie de fissura pelo qual circulam hereditariedades, autorias e nacionalidades. Sem intervenções, refletir-se-á com perfeição o modelo no seu correlato. O pai no herdeiro, o autor na obra, a nação na sua literatura. (G. A)

Assim, num tempo marcado pelo “esquecimento” da germanidade e de ruptura com os padrões estabelecidos nas origens, a canção assume a condição de monumento no conjunto do projeto de restauração idealizado no germanismo. Partindo do pressuposto de que as culturas possuem uma dimensão fluida e uma sólida, Aleida

Assmann (1991:13) define como monumento a faceta cultural “que se encena, que se expõe para o mundo circundante e para a posteridade, que quer ser vista, conservada e lembrada.”⁴¹ De acordo com essa consideração, a canção, bem como os intertextos, passa a integrar o lado perene da cultura, cabendo-lhe uma dupla função: lembra sua origem, evoca em seu tecido a época de sua criação; e lembra a todos, invoca à reflexão e à rememoração, tornando-se, em muitos casos, uma admoestação, possibilidades essas já presentes na denominação da canção - a mágica flor azul -que remete a mirar e a presentificação. A canção torna-se um elemento concreto passível de ser contraposto à fluidez da vida quotidiana, passando a integrar “esta consciência dominante de uma sociedade”⁴² (Scharfe, 1991:39), e se transforma no elemento constantemente evocado e articulado que, ao ser memorizado, visa assegurar a coesão e a manutenção de uma determinada cultura e identidade: “se pretendemos conservar o nosso *Deutschtum* nos dias de hoje no Rio Grande do Sul, assim configura-se como melhor meio: o cultivo do canto alemão!”⁴³ (Lücken, 1925:1)

De lares e outros regressos

A instauração de um programa de ação voltado para a preservação da germanidade, centrado na obrigação filial e no cultivo da canção, forma literária considerada pertencente à memória cultural do povo alemão, visto que “os antepassados, os antigos imigrantes, trouxeram em seu peito esse pedaço da *Heimat* em palavras e melodias, como uma jóia para o novo mundo”⁴⁴ (Cullmann, 1930:96), constitui uma estratégia de reação às transformações em curso entre os imigrantes e seus descendentes. Essa conotação regressiva e nostálgica do germanismo encontra-se representada pela imagem da flor azul. Conforme salienta Bornheim (1985:111), “a nostalgia romântica – ‘Flor Azul’ de Novalis – leva a um gradativo afastamento de tudo que é finito a uma busca sempre mais exclusiva do Infinito. E se perguntássemos o que é esse Infinito, deveríamos responder que não tem nome.” (G. A.) Aos olhos dos defensores do germanismo, no entanto, a retomada da flor azul representa uma possibilidade concreta de intervenção no contexto sócio-cultural dos imigrantes e de

⁴¹ „Die sich für die Mit – und Nachwelt zur Schau stellt, die gesehen, bewahrt, erinnert sein will.“

⁴² „Dieses herrschende Bewusstsein einer Gesellschaft.“

⁴³ „Will man unser Deutschtum in der heutigen Zeit in Rio Grande do Sul erhalten, so ist das beste Mittel dazu: Pflege des deutschen Gesanges!“

⁴⁴ „In ihrer Brust trugen die Väter und Mütter, die alten Einwanderer, dieses Stück Heimat in Wort und Weise als heiliges Kleinod mit herüber in die neue Welt.“

seus descendentes. Em função dos perigos inerentes à mercantilização da vida, objetivam, conforme ressalta a reflexão de Hans Grimm, reverter este estado de penúria espiritual mediante a conscientização dos imigrantes e de seus descendentes sobre a necessidade do cultivo de valores e ideais. Pretendem eles o retorno da flor azul ao convívio diário que, por sua vez, deverá incorporar, ao bem-estar econômico, o campo espiritual e a preservação da germanidade:

‘tecei uma coroa com as douradas espigas’. Mas, - continua o poeta que também foi um aplicado educador do povo alemão – ‘junto trançai centáureas azuis’. No nosso campo centáureas não cresceram em profusão. Primeiro o pão, diziam com razão os antepassados (...) mas os filhos perderam muito tempo para reconquistar o prazer das flores que foi perdido na preocupação com o pão; para eles permaneceu erva daninha o que deveria ter-se tornado algo elevado. (...) temos pão suficiente. Deixai-nos cuidar das flores! (...) Deixai-nos cuidar das flores. Se não as cultivarmos, se no trivial campo do materialismo não tiver espaço para ideais ascendentes, então irá despedaçar-se paulatinamente o nosso modo de ser já tão direcionada para as aparências e, por último, desaparecerá a língua. Então alemão deixou de ser alemão no Rio Grande do Sul.⁴⁵ (G. A.) (Grimm, 1924:1)

Na ótica dos defensores do germanismo, a canção, duplamente alemã, pelo conteúdo e pelo idioma, ao acompanhar os imigrantes e seus descendentes em terras distantes, conforme os versos de Felix Dahn (1927:5), “constrói além dos mares azuis/para nós um novo mundo alemão.”⁴⁶ A flor azul permitiria a reconstrução deste mundo aquém do oceano e de sua continuidade, visto que seu poder de sedução cativa o ser humano, levando-o a uma busca, por natureza inalcançável, mas sempre pretendida. Sua imagem ressalta um outro nível presente no germanismo: o medo da finitude. Ao lançarem mão da flor azul, símbolo da nostalgia, portanto, da

⁴⁵ „,Windet zum Kranze die goldenen Aehren’. Aber, spricht weiter der Dichter, der ein braver Lehrmeister des deutschen Volkes gewesen – ‚flechtet auch blaue Zyanen hinein’. Kornblumen sind auf unserem Feld wenig gewachsen. Zuerst das Brot, hiess es mit Recht, bei den Vätern (...): die Söhne aber haben es viel versäumt, die Lust an den Blumen, die jenen in der Sorge ums Brot verloren gegangen, neu zu erwerben. Für sie ist Unkraut geblieben, was ihnen wieder Höheres werden sollte. (...) Des Brot haben wir genüge. Lasst uns der Blumen warten! (...) Lasst uns der Blumen warten! Wenn wir sie nicht pflegen, wenn auf dem platten Feld des Materialismus nicht Raum sein kann für rankende Ideale, wird Stück für Stück von unserer mehr und mehr ins Äusserliche sich kehrenden Eigenart abbröckeln und als letztes wird die Sprache hinterdreien gehen. Dann ist deutsch deutsch in Rio Grande do Sul gewesen. „ (G. A.)

⁴⁶ „Bauet jenseits blauer Meere/ Uns eine neue deutsche Welt.“

manutenção de vínculos outrora estabelecidos, e integrante da herança cultural, os articuladores do germanismo pretendem tornar-se, de certo modo, senhores do tempo e da história. Ao pautarem o presente e o futuro pelo modelo dos antepassados, ou seja, “*Germanus sum!* (Der Verlag, 1916:34), desejam dominar e moldar o tempo. Na sua análise do nacionalismo, François e Schulze (1998:29) afirmam que o refúgio na história e a menção a exemplos do passado servem “para canalizar o futuro e impedir que ele rompa os caminhos preestabelecidos. Em outras palavras: a conjuração do tempo teria inicialmente a tarefa de neutralizá-lo.”⁴⁷ Nesse quadro, voltado para a continuidade de uma trajetória única, atribui-se à canção em língua alemã a tarefa de assegurar a sobrevivência da descendência que, em última análise, seria a repetição rejuvenescida dos pais, tornando-se os filhos aqueles que revigoram a origem e refazem o caminho de volta. A flor azul é imbuída da tarefa de induzir os imigrantes e seus descendentes a seguirem as pegadas dos antepassados, ou seja, “da literatura espera-se que, como o filho pródigo, realize a viagem de retorno à casa paterna.” (Süssekind, 1984:35), apresentando-se, essa caminhada, como a afirmação da continuidade e do bem-estar, já que, em virtude da conotação religiosa presente no germanismo, a (re)ligação ocorre em dois planos: o humano e o divino. Assim, na ótica do germanismo, bastaria ressoar uma canção alemã para que, por intermédio da sua coloração azulada e sedutora, se pudesse regressar constantemente para um reino seu, ou seja, “o que há muito está desfeito e disperso/o que desapareceu com a infância,/é em sonhos novamente tecido,/quando a canção alemã ao nosso redor sussurra.”⁴⁸ (Nies, 1914:54). Desta forma, estaria assegurada a resposta às inquietações dos defensores do germanismo, decorrentes das transformações sócio-culturais em curso, da mesma maneira que, em *Heinrich von Opferdingen*, se encontra a direção a ser tomada: “pois, para onde nós vamos? Sempre para casa.”⁴⁹ (Novalis, 1997:198)

Referências Bibliográficas

A., W. Kalendermannsstandrede. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1935, p. 31-36.
ASSMANN, Aleida. Kultur als Lebenwelt und Monument. In: ASSMANN, Aleida;

⁴⁷ „Die Zukunft zu kanalisieren und verhindern, dass sie aus den vorgegebenen Bahnen bricht. Mit anderen Worten: die Beschwörung der Zeit hätte zuerst die Aufgabe, diese zu neutralisieren.“

⁴⁸ „ Was längst zeronnen und zerstoben,/Was mit der Kindheit von uns schied,/ Es wird in Träumen neu gewoben,/Wenn uns umrauscht das deutsche Lied.“

⁴⁹ „Wo gehen wir denn hin? Immer nach Hause.“

- HARTH, Dietrich (Hg.). **Mnemosyne**. Formen und Funktionen der kulturellen Erinnerung. Frankfurt am Main: Fischer, 1991. p.11-25.
- ASSMANN, Jan. Die Katastrophe des Vergessens. Das Deutoronomium als Paradigma kultureller Mnemotechnik. In: ASSMANN, Aleida; HARTH, Dietrich (Hg.). **Mnemosyne**. Formen und Funktionen der kulturellen Erinnerung. Frankfurt am Main: Fischer, 1991. p.337-355.
- BECKER, Rudolf. Erziehung zum bewussten Deutschtum. **Deutsche Post**, 20.09.1924, p.15-16.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- BOETTNER, Th. Vergiss das Beste nicht! **Lehrer-Kalender**, 1925, p.19-26.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985. p.77-111.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.
- CULLMANN, Helmut. Bekenntnis. In: KOMMISSION PRO 25. JULI (Hrg.) **Unser Tag**. Ein Festspielbuch zur Feier des 25. Juli. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1935, p. [41-43.]
- CULLMANN, Helmut. Spruch. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1935, p.97.
- CULLMANN, Helmut. Wir singen wieder Volkslieder! **Kalender für die deutschen evangelischen Gemeinden in Brasilien**, 1930, p.95-96.
- DABEZIES, André. Fausto. In: BRUNEL, Pierre. (Org.) **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p.334-41.
- DAEMMRICH, Horst S.; DAEMMRICH, Ingrid. Blaue Blume. In: DAEMMRICH, Horst S.; DAEMMRICH, Ingrid. **Themen und Motive in der Literatur**. Tübingen; Basel: Francke, 1995. p.76-77.
- DAHNS, Felix. Die deutsche Sprache. In: FRIEDRICHS, Aloys. **Liederbuch**. Porto Alegre: Tipografia. Mercantil, 1927. p.5.
- DER VERLAG. Zum Geleit. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1916, p.34.
- DER VERLAG. An unsere Leser! **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1931, p.33.
- DEUTSCHE SPRACHE, HEIMAT UND SITTE. **Neu-Württemberger Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort**, 1925, p.44.
- FISCHER, Martin. 100 Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul. **Deutsche Post**, 20.09.1924, p. 3-4.
- FLACKE, Monika. Deutschland. Die Begründung der Nation aus der Krise. In: FLACKE, Monika (Hg.) **Mythen der Nationen**. Ein europäisches Panorama. Berlin: DHM, 1998. p. 101-128.
- FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen. Das emotionale Fundament der Nationen. In: FLACKE, Monika (Hg.) **Mythen der Nationen**. Ein europäisches Panorama. Berlin: DHM, 1998. p.17-32.
- FRIEDRICHS, Aloys. Gauturnfest in Estrella am 22. Oktober 1927. In: FRIEDRICHS, Aloys. **Reden bei Feiern der Turnerschaft und des Verbandes Deutscher Vereine**. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1928. p.42-46.
- FRIEDRICHS, Aloys. 25 Jahre Turnverein Cahy. 25. August 1923. In: FRIEDRICHS, Aloys. **Reden bei Feiern der Turnerschaft und des Verbandes Deutscher Vereine**. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1928. p.23-25.
- FRITZSCHE, Klaus. Konservantismus: Entwürfe zur Sicherung soziale Herrschaft. In: NEUMANN, Franz. (Hrsg.) **Handbuch politische Theorien und Ideologien I**. Oplades: Leske + Budrich, 1995, p.179-228.

- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GLASER, Hermann. **Spiesser-Ideologie**. Freiburg im Bresgau: Rombach, 1964.
- GÖTZ-BÖHRINGEN. Deine Ahnen leben in dir! **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1935, p.47-52
- GRIMM, Hans. 100 Jahre deutsch. **Neue Deutsche Zeitung**, 25.07.1924, p.1.
- GRIMM, Hans^a. Hundert Jahre. **Neue Deutsche Zeitung**, 04.10.1924, p.2.
- GRÜTZMANN, Imgart. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J. (Org.) **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo: 2004. p.48-90.
- HEINKE, Ernst. Die Blaue Blume. **Koseritz' deutscher Volkskalender**, 1906, p.249-50.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: INTERTEXTUALIDADES. Coimbra: Almedina, 1979. p.5-49.
- KOPITTKE, Georg. Turnerschaft von Rio Grande do Sul! **Neue Deutsche Zeitung**, 21.03.1936, p.6.
- KOPITTKE, Georg. Unser Weg. In: VERBAND DEUTSCHER VEREINE. **Festprogramm der Feierlichkeiten am 25. Juli in Alt – und Neu-Hamburg**. Novo Hamburgo: Paulo Saile & Cia., 1937. p.11-12.
- LDM. Deutsche, spricht mit Deutschen deutsch! **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1923, p.305-313.
- LÜCKEN, K. Vom deutschen Lied in Rio Grande do Sul. **Neue Deutsche Zeitung**, 17.02.1925, p.1.
- MARX, Karl. Der 18. Brumaire des Louis Bonaparte. In: MARX; ENGELS; LENIN. **Über Kultur, Ästhetik, Literatur**. Ausgewählte Texte. Leipzig: Reclam, 1987. p.213-215.
- NIEMEYER, Ernst. Den Deutschen in der Fremde. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, 1938, p.46.
- NIES, Konrad. Das deutsche Lied. **Musterreiter's neuer historischer Kalender**, 1914, p.54.
- NOVALIS. **Heinrich von Opferdingen**. München: DTV, 1997.
- PHILLIPP, Arno. Deutsch-riograndenser Kulturleben in 100 Jahren. **Deutsche Post**, 20.09.1924, p.5-7.
- ROTERMUND, Wilhelm. Die Herkunft der Deutschen. In: ROTHERMUND, Wilhelm. (Hrsg.) **Lesebuch für Schule und Haus**. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1922. p.233-44.
- ROTERMUND, Wilhelm. Aus dem Vorwort zur 1. Auflage. In: ROTHERMUND, Wilhelm. (Hrsg.) **Lesebuch für Schule und Haus**. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1922. p. III-IV.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. São Paulo: Ática, 1985.
- SCHARFE, Martin. Erinnern und Vergessen. Zu einigen Prinzipien der Konstruktion von Kulturen. In: BÖNISCH-BREDENICH, Brigitte; BREDENICH, Rolf W.; GERNDT, Helge (Hg.) **Erinnern und Vergessen**. Göttingen: Schermerse, 1991. p.19-46.
- SCHILLER, E. Predigt zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung in Brasilien. **Neu-Württemberger Illustrierter Familien Kalender Siedlungshort**, 1925, p.46-54.
- SCHÜLLER, Heinrich. Die deutsche Sprache in Brasilien. **Deutsche Post**,

03.05.1912, p.1.

SEYFERTH, Giralda. A Liga Pangermânica e o Perigo Alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irreduzíveis. **História: questões e debates**, Curitiba, ano 10, nr. 18 e 19, jun.-dez., 1989, p.113-155.

SIGANOS, André. Bestiário mítico. In: BRUNEL, Pierre. (Org.) **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p.117-137.

STURM, Julius. Rat des Vaters an seinen Sohn. In: ROTERMUND, Wilhelm. (Hrsg.) **Lesebuch für Schule und Haus**. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1922. p.106.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.